

## EDUCAÇÃO PARA UMA CULTURA DE PAZ NO SERTÃO PERNAMBUCANO: DESAFIOS, CAMINHOS E AÇÕES.

ARAÚJO, Maria José (AUTORA)  
MAGALHÃES, João Batista dos Santos  
SANTOS, Luana Aparecida dos

**Resumo:** O presente relato de experiência trata da construção da Cultura de Paz através da mobilização da sociedade civil e da escola no sertão pernambucano. O projeto surge em 2000 para fortalecer a mentalidade e a prática de relações mais humanizadas, caracterizada principalmente pela interação dignidade humana (eu), família, sociedade e visão cosmo-planetária. É um projeto que foi sendo amadurecido e construído a partir de episódios de violência contra a vida. À época de sua criação, observou-se que ainda era acentuada a cultura do “olho por olho e dente por dente”, associada à idéia de permanência da “valentia” dos cangaceiros. Sob a coordenação da Diocese de Floresta-PE, é um projeto que vem sendo realizada por escolas públicas e privadas localizadas em onze municípios da região sub-média do rio São Francisco. Entre desafios, observa-se a necessidade de maior envolvimento e adesão dos professores: observa-se que muitos, embora oprimidos pela histórica violência presente nas relações humanas da região, ainda mantém uma prática pedagógica que expressa a presença de um opressor introjetado. Diante dessa constatação, entre outros elementos, o Projeto buscou despertar a compreensão sobre a inteireza do ser, por meio da promoção de uma formação continuada dos professores. Além disso, escolheu-se como caminho de continuidade a formação de rede da Cultura de Paz, formada por pessoas e organizações comprometidas e presentes nos municípios envolvidos, além da realização de intercâmbio entre educadores da Cultura de Paz do Brasil e da Itália. Diante dos desafios e caminhos assumidos na construção de uma Educação para uma Cultura de Paz, desencadearam-se ações como realização de fóruns periódicos e elaboração de cartilhas que desenvolvessem a temática nas salas de aula.

**Palavras-chave:** cultura de paz; educação; Paulo Freire; sertão de Pernambuco

**Abstract:** This report deals with the experience of building the Culture of Peace through the mobilization of civil society and the school in the sertão Pernambuco. The project comes in 2000 to strengthen relations mentality and practice of more humanized, characterized mainly by the interaction human dignity (I), family, society and global vision-cosmos. It is a project that was being developed and constructed from episodes of violence against life. At the time of its creation, it was observed that was still marked the culture of "eye for an eye and a tooth for a tooth", associated with the idea of permanence of the "courage" of cangaceiros. Under the coordination of the Diocese of Forest-EP, is a project that is being held by public and private schools located in eleven districts of the sub-region average of the river San Francisco. Among challenges, there is a need for greater involvement of teachers and membership: it appears that many, but oppressed by the historical violence of human relations in this region, still maintains a pedagogical practice that expresses the presence of an oppressive introjetado. Given this finding, among other things, the Bill sought to arouse understanding of the entirety of being, through the promotion of a continuous training of teachers. Also, chosen as a way of continuing the training network of Culture of Peace, formed by people and organizations committed and present in the municipalities involved, in addition to conducting exchanges between educators on Culture of Peace of Brazil and Italy. Facing the challenges and paths made in the construction of an Education for a Culture of Peace, is triggered actions as holding of regular forums and preparation of books that develop the theme in the classroom.

**Keywords:** Culture of peace; education; Paulo Freire; Outback of Pernambuco

### **Um pouco do sertão**

O Estado de Pernambuco é um dos mais antigos do país, tendo sido criado como capitania hereditária em 1534. Em 2001, apresentava a segunda maior concentração populacional do Nordeste brasileiro. A vegetação e o clima dividem o território pernambucano em três grandes áreas: litoral (mangue)-zona da mata(floresta tropical), agreste e sertão(caatinga). O Litoral compreende um clima mais úmido bem como a Zona da Mata; na faixa territorial intermediária – conhecida como Agreste – há uma transição entre o clima tropical úmido e o tropical seco e, como terceira e maior faixa de ocupação territorial encontra-se o Sertão, área integrante do polígono das secas, com baixa densidade pluviométrica anual, com uma vegetação típica de áreas semi-áridas, que é a caatinga. O semi-árido pernambucano compreende 122 municípios (Brasil, 2005), distribuídos em duas mesorregiões, o São Francisco pernambucano e o sertão pernambucano. São municípios com menos de 50.000 habitantes.

A Diocese de Floresta-PE está situada na região do semi-árido do sertão nordestino do Brasil, no interior de Pernambuco, a 430 Km de distância da cidade do Recife, capital do Estado. Sua extensão é de 17.894 Km<sup>2</sup>, com aproximadamente 250.000 habitantes, sendo a população mais rural que urbana. O município de Floresta tem 25.000 habitantes. Ao sul, faz divisa com o Estado da Bahia, onde corre o Rio São Francisco, que sustenta grande parte da vida da região. A diocese é composta por 13 paróquias e 14 municípios, a maioria deles com um Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) médio de 0,656 (PNUD, 2000), um dos mais baixos do Brasil e uma das regiões mais pobres do estado. No território de abrangência da Diocese vivem sete nações indígenas, remanescentes dos primeiros moradores destas terras: a nação Pankararu, situada entre os municípios de Tacaratu, Petrolândia e Jatobá; a Tuxá, no município de Inajá, a Truká, no município de Cabrobó; a Atikum e a Pankará, no município de Carnaubeira da Penha; a Kambiwá, no município de Ibimirim; a Pipipã, no município de Floresta. Estas nações indígenas continuam vivenciando confrontos com posseiros e fazendeiros que ocupam terras por elas reivindicadas, algumas já demarcadas e outras em processo de demarcação.

O território é, em geral, inóspito e não apto à agricultura que é praticada em pequena escala às margens dos rios Pajeú, Riacho do Navio, Moxotó e, especialmente, nas margens do rio São Francisco, o único perene. A região é atingida periodicamente por secas que, às vezes, prolongam-se por anos a fio. Pratica-se em grande escala a criação extensiva de caprinos e ovinos. A maioria da população vive abaixo da linha de pobreza, sendo que o dinheiro da

aposentadoria por idade e o vínculo empregatício das prefeituras constituem a maior parte da entrada econômica para a maioria das famílias.

### **Cultura de violência e opressão no sertão pernambucano**

A violência na região não é apenas o resultado da difícil situação que estamos vivendo em grande parte do nosso País, mas é algo antigo, histórico e enraizado na própria cultura do povo. Já no fim do século XIX este território foi teatro de conflitos entre os grandes fazendeiros dos Estados da Bahia, Pernambuco e Alagoas que, com seus jagunços, brigavam para estender seus domínios. Quando estes conflitos diminuíram, entre fim do século XIX até meados do século passado, a região foi percorrida por bandos de cangaceiros, em cujo encalço estava as patrulhas “volantes” da polícia, temidas pelo povo quanto pelos próprios cangaceiros. Lampião, o cangaceiro que se tornou mais famoso na região e no país, nasceu na paróquia de Floresta. Quando acabou o fenômeno do cangaço, tomaram vigor os conflitos entre famílias formando uma forte rivalidade; infelizmente os confrontos prolongaram-se até o fim do século passado, com episódios de vingança e morte entre seus membros trazendo decadência tanto civil como econômica ao território todo.

Ainda nos anos 1970, diante da acentuada decadência econômica, começou uma expansão do narcotráfico nessa região do estado de Pernambuco, por meio do plantio de erva em extensa área, ao ponto da região chegar a ser conhecida como “polígono da maconha”. Além do plantio de maconha, o narcotráfico envolve especialmente os jovens que, sem perspectiva alternativa de vida e percebendo-se excluídos da sociedade de consumo, querem a qualquer custo desfrutar do padrão de vida que os meios de comunicação, especialmente a televisão, lhes apresentam. Uma vez envolvido nesta realidade das drogas, o jovem não identifica mais os limites na prática da violência. O presídio de Floresta foi construído para abrigar 36 presos; entretanto, estão recolhidos, normalmente de 90 a 120 presos, em sua quase totalidade jovem (entre 18 a 25 anos, a maioria homens). Na mesma situação encontram-se os presídios de Petrolândia, Belém do São Francisco e Cabrobó.

Outro fator que agrava o cenário de violência é a impunidade com relação à aplicação das leis e a lentidão nos processos, devido a pouca ou quase nenhuma presença do poder judiciário no território. Tudo isso gera um sentimento de insegurança e medo, levando muitas vezes à omissão.

Outra problemática agravante na região é a questão ambiental e a agressão ao meio ambiente, associado à construção de grandes projetos energéticos, como as hidrelétricas e barragens:

- A degradação do Rio São Francisco e de seus afluentes (Rio Moxotó, Pajeú, Riacho do Navio);
- A crescente desertificação e erosão de áreas (Floresta, Cabrobó, Belém do São Francisco e Itacuruba);
- A crescente atividade de carvoarias na região (Floresta, Ibimirim, Manarí, Belém do São Francisco);
- O uso abusivo dos agrotóxicos sem controle nas áreas de irrigação (Petrolândia, Belém do São Francisco, Cabrobó, Inajá, Ibimirim, Floresta).

Para superar esse quadro de violência e de exclusão, sentimos a necessidade de trabalhar, por todo o tempo que for necessário, uma educação para uma Cultura de Paz a partir das escolas nas quais se encontram e se formam os cidadãos e cidadãs do amanhã. Compartilhamos com Paulo Freire (1987) a idéia de que é preciso lutar e buscar pelo direito de ser:

“Na verdade, porém, por paradoxal que possa parecer, na resposta dos oprimidos à violência dos opressores é que vamos encontrar o gesto de amor. Consciente ou inconscientemente, o ato de rebelião dos oprimidos, que é sempre tão ou quase tão violento quanto a violência que os cria, este ato dos oprimidos, sim, pode inaugurar o amor. Enquanto a violência dos opressores faz dos oprimidos homens proibidos de ser, a resposta destes à violência daqueles se encontra infundida do anseio de busca do direito de ser. Os opressores, violentando e proibindo que os outros sejam, não podem igualmente ser; os oprimidos, lutando por ser, ao retirar-lhes o poder de oprimir e de esmagar, lhes restauram a humanidade que haviam perdido no uso da opressão. Por isto é que, somente os oprimidos, libertando-se, podem libertar os opressores. Estes, enquanto classe que oprime, nem libertam, nem se libertam. O importante, por isto mesmo, é que a luta dos oprimidos se faça para superar a contradição em que se acham. Que esta superação seja o surgimento do homem novo – não mais opressor, não mais oprimido, mas homem libertando-se. Precisamente porque, se sua luta é no sentido de fazer-se Homem, que estavam sendo proibidos de ser, não o conseguirão se apenas invertem as termos da contradição. Isto é, se apenas mudam de lugar, nos pólos da contradição.” (Pedagogia do Oprimido)

### **O projeto Educação para uma Cultura de Paz no sertão pernambucano**

O presente relato de experiência trata da construção da Cultura de Paz através da mobilização da sociedade civil e da escola no sertão pernambucano. O projeto surge em 2000 para fortalecer a mentalidade e a prática de relações mais humanizadas, caracterizada principalmente pela interação dignidade humana (eu), família, sociedade e visão cosmo-planetária. É um projeto que foi sendo amadurecido e construído a partir de episódios de violência contra a vida. À época de sua criação, observou-se que ainda era acentuada a cultura

do “olho por olho e dente por dente”, associada à idéia de permanência da “valentia” dos cangaceiros. No entender de Paulo Freire,

“Em verdade, instaurada uma situação de violência, de opressão, ela gera toda uma forma de ser e comportar-se nos que estão envolvidos nela. Nos opressores e nos oprimidos. Uns e outros, porque concretamente banhados nesta situação, refletem a opressão que os marca. Na análise da situação concreta, existencial, de opressão, não podemos deixar de surpreender o seu nascimento num ato de violência que é inaugurado repetimos, pelos que têm poder.” (Pedagogia do Oprimido)

Sob a coordenação da Diocese de Floresta-PE, é um projeto que vem sendo realizado por escolas públicas e privadas localizadas em onze municípios da região sub-média do rio São Francisco. Diante do contexto apresentado anteriormente, o Projeto tem como objetivo geral transformar a cultura do povo do sertão pernambucano, de uma histórica cultura de violência para uma Cultura de Paz. Para alcançar e realizar esse desejo, optou-se por mobilizar as escolas para se engajarem em um processo de construção de uma Cultura de Paz, valorizando e apoiando as atividades promovidas pelas próprias unidades educacionais, visando a organização de professores, alunos, pais e sociedade para a formação de uma nova consciência de cidadania, numa atitude de diálogo e não de agressão, de uma “ética do cuidado e do respeito” para com as pessoas e o meio ambiente. Além disso, constitui-se como objetivo geral comprometer toda a Comunidade Escolar (pais, alunos, professores, funcionários, direção das escolas), GRE (Gerência Regional de Educação da Secretaria de Estado da Educação), Secretarias Municipais de Educação, Igrejas e a sociedade para trabalharem em parceria, tornando a escola um espaço de vivência da cidadania, da liberdade, da criatividade, do diálogo, da participação, da solidariedade.

Entre desafios, observa-se a necessidade de maior envolvimento e adesão dos professores: observa-se que muitos, embora oprimidos pela histórica violência presente nas relações humanas da região, ainda mantém uma prática pedagógica que expressa a presença de um opressor introjetado.

“Ao fazermos esta afirmação, não queremos dizer que os oprimidos, neste caso, não se saibam oprimidos. O seu conhecimento de si mesmos, como oprimidos, se encontra, contudo, prejudicado pela “imersão” em que se acham na realidade opressora. “Re conhecer-se” a este nível, contrários ao outro, não significa ainda lutar pela superação da contradição. Daí esta quase aberração: um dos pólos da contradição pretendendo não a libertação, mas a identificação com o seu contrário. O “homem novo”, em tal caso, para os oprimidos, não é o homem a nascer da superação da contradição, com a transformação da velha situação concreta opressora, que cede seu lugar a uma nova, de libertação. Para eles, o novo homem são eles mesmos,

tornando-se opressores de outros. A sua visão do homem novo é uma visão individualista. A sua aderência ao opressor não lhes possibilita a consciência de si como pessoa, nem a consciência de classe oprimida.” (Pedagogia do Oprimido)

Diante dessa constatação, entre outros elementos, o Projeto buscou despertar a compreensão sobre a inteireza do ser, por meio da promoção de uma formação continuada dos professores. É uma compreensão que busca enfrentar a hospedagem do opressor em cada um, fortalecendo o conhecimento sobre a dignidade humana para que a vida possa ser respeitada em sua inteireza. Como aponta Paulo Freire (1987),

“Quem, melhor que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles, os efeitos da opressão? Quem, mais que eles, para ir compreendendo a necessidade da libertação? Libertação a que não chegarão pelo acaso, mas pela práxis de sua busca; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela. Luta que, pela finalidade que lhe derem os oprimidos, será um ato de amor, com o qual se oporão ao desamor contido na violência dos opressores, até mesmo quando esta se revista da falsa generosidade referida.” (Pedagogia do Oprimido)

Além disso, escolheu-se como caminho de continuidade a formação de rede da Cultura de Paz, formada por pessoas e organizações comprometidas e presentes nos municípios envolvidos, além da realização de intercâmbio entre educadores da Cultura de Paz do Brasil e da Itália. Diante dos desafios e caminhos assumidos na construção de uma Educação para uma Cultura de Paz, desencadearam-se ações como realização de fóruns periódicos e elaboração de cartilhas que desenvolvessem a temática nas salas de aula.

Depois de cinco anos de atividade, no ano de 2005, realizamos o 1º Fórum de Educação para uma Cultura de Paz. O tema do fórum foi: Educar para a Paz - missão a serviço da dignidade humana. O Fórum que teve a participação de mais de 500 educadores e políticos da região, serviu de referência para o planejamento das atividades de 2006 e 2007. Em 2007, nos dias 16 a 17 de agosto, foi realizado o 2º Fórum de Educação com o tema: Famílias e Escolas – é tempo de buscar cidadania para caminhar com liberdade, justiça e paz. Os eixos temáticos foram: Família e Educação, Dignidade Humana e Meio Ambiente. O fórum teve como finalidade traçar linhas de ação para os três anos seguintes de caminhada do projeto (2008-2010).

As ações desencadeadas foram precedidas de momentos de avaliação da caminhada e planejamento dos passos seguintes, de modo que, cada um que se aproximou e aos poucos foi assumindo tarefas passasse a reconhecer-se como sujeito histórico na luta pela humanização

na região e na localidade onde mora e vive. Compartilhamos do entender de Paulo Freire (1987) de que a libertação acontecerá com os oprimidos e não a partir de esforços pensados para o oprimido. O projeto Educação para uma Cultura de Paz considera que a construção se dá coletivamente, para enfrentar a opressão, os opressores e os opressores hospedados em nós.

“A nossa preocupação, neste trabalho, é apenas apresentar alguns aspectos do que nos parece constituir o que vimos chamando de Pedagogia do Oprimido: aquela que tem de ser forjada com ele e não para ele, enquanto homens ou povos, na luta incessante de recuperação de sua humanidade. Pedagogia que faça da opressão e de suas causas objeto da reflexão dos oprimidos, de que resultará o seu engajamento necessário na luta por sua libertação, em que esta pedagogia se fará e refará. O grande problema está em como poderão os oprimidos, que “hospedam” ao opressor em si, participar da elaboração, como seres duplos, inautênticos, da pedagogia de sua libertação. Somente na medida em que se descubram “hospedeiros” do opressor poderão contribuir para o partejamento de sua pedagogia libertadora. Enquanto vivam a dualidade na qual ser é parecer e parecer é parecer com o opressor, é impossível fazê-lo. A pedagogia do oprimido, que não pode ser elaborada pelos opressores, é um dos instrumentos para esta descoberta crítica – a dos oprimidos por si mesmos e a dos opressores pelos oprimidos, como manifestações da desumanização.” (Pedagogia do Oprimido)

Entre os objetivos específicos desenvolvidos e alcançados ao longo dos oito anos de atividade do Projeto Educação para uma Cultura de Paz, podemos mencionar:

- Promoção de encontros de formação com os professores para serem agentes construtores de paz com seus alunos, promovendo reflexões sobre auto-estima, dignidade humana e a organização dos mesmos;
- Preparo coletivo de materiais didáticos com o tema PAZ para uso em sala de aula por professores e alunos, respeitando-se costumes e ocorrências de cada município;
- Promoção de intercâmbio entre as escolas do município, entre os municípios, entre as redes de ensino dos municípios e o Estado, favorecendo uma ajuda mútua do ponto de vista humano, profissional, social, cultural e financeiro;
- Envolvimento de pais de alunos e a sociedade civil e política no debate e na busca de soluções para os problemas de violência no território, através da realização de audiências públicas;
- Promoção de formação e reflexão sobre o ecumenismo entre as várias igrejas cristãs e as outras religiões, com ações planejadas e executadas em conjunto para promoção da tolerância entre os vários credos existentes nos municípios;

- Resgate de valores adormecidos (éticos, morais, religiosos, sociais, políticos, ambientais e culturais dos alunos, das famílias e das comunidades), tornando as escolas ambiente de aprendizagem solidário, familiar, acolhedor, gerador e formador de verdadeiros cidadãos e cidadãs.

“A desumanização, que não se verifica, apenas, nos que têm sua humanidade roubada, mas também, ainda que de forma diferente, nos que a roubam, é distorção da vocação do ser mais. É distorção possível na história, mas não vocação histórica. Na verdade, se admitíssemos que a desumanização é vocação histórica dos homens, nada mais teríamos que fazer, a não ser adotar uma atitude cínica ou de total desespero. A luta pela humanização, pelo trabalho livre, pela desalienação, pela afirmação dos homens como pessoas, como “seres para si”, não teria significação. Esta somente é possível porque a desumanização, mesmo que um fato concreto na história, não é porém, destino dado, mas resultado de uma “ordem” injusta que gera a violência dos opressores e esta, o ser menos.” (Pedagogia do Oprimido)

Para finalizar este relato de experiência, queremos ressaltar com Paulo Freire que, o sertão pernambucano e sua gente mantém a convicção de que a humanização das pessoas é o objetivo maior de todos e que a promoção de uma Educação para uma Cultura de Paz contribua com a construção de uma história mais justa e respeitosa a todos.

## **BIBLIOGRAFIA**

BRASIL, Ministério da Integração Nacional. **Nova delimitação do Semi-Árido brasileiro**. Secretaria de Políticas de Desenvolvimento Regional, Brasília-DF, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 38ª ed. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 1987.